

O MULTICULTURALISMO E O PAPEL DA PESQUISA NA FORMAÇÃO DOCENTE: uma experiência de currículo em ação¹

Ana Canen

**Professora do Departamento de Fundamentos da Educação/FE
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)**

Resumo

O presente trabalho argumenta, a partir de uma perspectiva multicultural pós-colonial, que uma maior articulação entre eixos de investigação sobre multiculturalismo e sobre pesquisa em educação pode contribuir para que o multiculturalismo seja colocado em questão, como objeto de pesquisa. Ao mesmo tempo, tal articulação permite refletir sobre a pesquisa propriamente dita, ela mesma compreendida como narrativa, discurso produzido no interior de relações de poder desiguais e informada por universos culturais plurais. O trabalho discute possibilidades dessa articulação, no contexto do currículo em ação desenvolvido em disciplina sobre Multiculturalismo em Educação, ministrada em um curso de Formação de Professores, em uma Universidade Pública brasileira. Os dados sugerem potenciais e desafios na pesquisa na área e apontam para possíveis perspectivas futuras de trabalho no campo do multiculturalismo e da pesquisa em educação como componentes da formação de professores.

Palavras-chave: multiculturalismo-pesquisa-formação docente-pesquisa-ação

Abstract

The present article is based on a post-colonial multicultural approach. It argues that a stronger link between studies dealing with multiculturalism and those that delve into educational research could enhance discussion both on multiculturalism and on educational research itself, understood as a narrative, a discourse produced within unequal power relations and plural cultural perspectives. It discusses possibilities for such an articulation and analyses the curriculum in action developed within the context of a subject about Multiculturalism in Education, delivered within a Teacher Education course in a public University in Brazil. Data suggest potentials and challenges in the area and point to possible perspectives of study within multiculturalism and educational research in teacher education.

Key words: multiculturalism- action-research – teacher education

Introdução

O presente milênio tem sido marcado, no que se refere à formação de professores, por tensões entre movimentos que atribuem, a esse espaço, a função de preparar futuros docentes nas competências percebidas como centrais em um mundo globalizado e aqueles que compreendem tal espaço como campo discursivo com potenciais de atuação na construção de identidades docentes críticas, comprometidas com a valorização da pluralidade cultural e com a justiça social. No último modelo, que informa o presente trabalho, duas vertentes do pensamento educacional têm se revelado férteis para a discussão de possíveis caminhos para o currículo em ação de cursos de formação docente: de um lado, aquela que se refere ao multiculturalismo- entendido como campo teórico e político, voltado à formação docente e ao pensamento curricular comprometido com a pluralidade cultural e o desafio a preconceitos; de outro, trabalhos que têm enfatizado o papel da pesquisa para a formação de professores críticos, reflexivos, capazes de produzirem conhecimento e não apenas representarem consumidores de conhecimentos produzidos por outros.

Entretanto, em uma perspectiva multicultural (Bhabha, 1998; Canen, 2001; Canen, 2003 a, b; Canen & Oliveira, 2002; Assis & Canen, 2004; Hickling-Hudson, 2003; Moreira & Macedo, 2001; McLaren, 2000), argumento que a articulação dos eixos de investigação sobre multiculturalismo e sobre o papel da pesquisa na formação de professores poderiam se fertilizar mutuamente de forma crescente em nossa produção científica, rompendo com uma relativa independência com que ambos os campos têm sido pensados. Em uma outra perspectiva, aponto que tal articulação poderia ser perseguida em currículos em ação, no âmbito da formação de professores, seja em cursos de Metodologia de Pesquisa, seja em disciplinas ligadas a temáticas do multiculturalismo.

Nesse sentido, os seguintes questionamentos básicos informaram o presente estudo: que categorias poderiam subsidiar a compreensão da pesquisa em uma perspectiva multicultural, na formação de professores? Ao mesmo tempo, em que medida trabalhar o multiculturalismo de forma problematizadora, tornando-o, ele próprio, objeto de pesquisa? Que potenciais, tensões e desafios advêm de uma experiência concreta na formação docente, em uma universidade pública brasileira, que buscou traduzir, para o currículo em ação, uma perspectiva multicultural de articulação entre ensino e pesquisa?

Para responder a essas questões, o artigo estrutura-se do seguinte modo: inicialmente, discute potenciais do multiculturalismo pós-colonial para o olhar sobre pesquisa e multiculturalismo no currículo de formação docente; em seguida, desenvolve considerações metodológicas e analisa a dinâmica pela qual uma experiência de sua articulação foi desenvolvida no contexto de disciplina sobre Multiculturalismo e Educação, no âmbito de um curso de Pedagogia em uma Universidade pública. Descreve o campo estudado, bem como o tipo de estudo e a coleta de dados empreendida, analisando seus resultados. Conclui, indicando potenciais e limites do trabalho desenvolvido e sinalizando possíveis caminhos para uma melhoria da articulação pesquisa e multiculturalismo no âmbito do currículo em ação na formação docente.

O Currículo Multicultural e a Pesquisa na Formação de Professores

Temos sugerido que a formação de professores constitui-se em espaço discursivo privilegiado para a construção de identidades docentes multiculturalmente orientadas, inseridas em uma sociedade plural e aptas a contribuir para uma educação valorizadora da mesma e desafiadora de preconceitos. Entretanto, análise de tendências na área revela que, embora já avancemos em discussões sobre o tema, ainda nos ressentimos de um maior diálogo entre multiculturalistas e aqueles autores cujo cerne de reflexões incide sobre o papel da pesquisa na formação docente (Lüdke, 2001; André, 2001), de modo a problematizar sua definição, bem como o papel do pesquisador e o binômio professor-pesquisador, no contexto das discussões atuais e dos desafios e potenciais envolvendo essas questões.

Sugerimos que a articulação entre pesquisa e multiculturalismo faz-se relevante em duas perspectivas: em uma primeira, na medida em que, como campo de pesquisas voltado ao questionamento das diferenças e à valorização das narrativas plurais, o multiculturalismo não poderia deixar de lado a investigação sobre os próprios processos que envolvem a pesquisa na formação de professores, ela própria compreendida como narrativa, discurso produzido no interior de relações de poder desiguais e informada por universos culturais plurais. Em uma outra perspectiva, tal articulação também se faz necessária do ponto de vista dos argumentos sobre a relevância da pesquisa em formação docente, muitas vezes dogmatizados em termos da presença ou ausência dessa dimensão nas instituições plurais que hoje se apresentam no campo desta formação.

Da mesma forma, ainda nos ressentimos de trabalhos que analisem experiências concretas de tradução do multiculturalismo para o currículo em ação na formação de professores, de modo a tensionar as discussões teóricas e analisar narrativas plurais, com seus potenciais, tensões e desafios, por parte daqueles que desenvolvem a perspectiva multicultural no cotidiano da formação citada. Nessa linha, argumentamos pela necessidade, em cursos de formação de professores, de promover reflexão sobre a forma pela qual a pesquisa poderia incorporar, como sugerem Lincoln & Guba (2000), uma dimensão crítica, multiculturalmente orientada, que reconheça a pluralidade de paradigmas que a informam e sua relação estreita com o projeto de educação e sociedade abraçado pelo pesquisador, ele próprio um sujeito multiculturalmente situado.

Pensar em articulação entre pesquisa e ensino em uma perspectiva multicultural na formação docente é um horizonte amplo, que requer uma delimitação, de forma a viabilizar a investigação proposta. Neste sentido, dois eixos de análise emergiram da confluência entre teoria e empiria, indicando perspectivas pelas quais reflexões sobre os possíveis sentidos da pesquisa multiculturalmente orientada na formação de professores foram desenvolvidas no presente estudo.

O primeiro eixo compreendeu *o papel do multiculturalismo na pesquisa e na formação de professores, considerando perspectivas que trabalham no sentido de traduzir o multiculturalismo em ações pedagógicas*. Nesse eixo, a ênfase recaiu sobre o que se espera de uma formação docente multiculturalmente orientada e em que medida tempos-espacos

dessa formação (tais como aquele que se configura como objeto do presente estudo) poderiam contribuir na tradução dessa perspectiva para o currículo em ação. Nessa linha, autores tais como Assis & Canen (2004), Canen & Moreira (2001), Canen & Oliveira (2002), Hickling-Hudson (2003), McLaren (2000), Moreira & Macedo (2001) e Pinto (1999), dentre outros, têm apontado para perspectivas diferenciadas pelas quais o multiculturalismo é percebido, desde aquelas mais folclóricas – em que a diversidade cultural é reconhecida, porém a desconstrução de preconceitos e estereótipos não é trabalhada – até perspectivas mais críticas, que buscam desafiar construções das diferenças e das discriminações em práticas pedagógicas cotidianas.

Dentro das problematizações sobre as ênfases do multiculturalismo nas categorias de identidade e de diferença, autores como Pierucci (2000, p. 121) enfatizam a necessidade de maior focalização sobre aquela referente à diferença, argumentando que “*a figura livre e proliferante da diferença, a diferença em ação, no movimento social e no discurso do movimento social*” deveriam impregnar mais as discussões multiculturais. Na mesma perspectiva, Veiga-Neto (2003) fala dos embates sobre a diferença e entre os diferentes, no bojo das discussões sobre questões culturais, como centrais nas discussões educacionais, alertando, porém, que tais perspectivas não significam tomar a cultura como instância epistemologicamente superior às demais e nem deveriam representar uma essencialização das diferenças em questão. De fato, as contradições e/ou interrelações entre as categorias da identidade e da diferença têm suscitado debates sobre caminhos pelos quais a pluralidade cultural poderia ser trabalhada de forma epistemologicamente mais consistente. A abordagem do multiculturalismo pós-colonial (Assis & Canen, 2004; Bhabha, 1998; Hickling-Hudson, 2003; McLaren, 2000; Souza Santos, 2001; Kowalczyk, J. & Popkewitz, 2005) busca não só a valorização da pluralidade cultural, mas o questionamento e a problematização do processo de construção da identidade, da alteridade e das diferenças. Utiliza, como categorias centrais, a crítica cultural, a hibridização e a ancoragem social dos discursos (Canen & Oliveira, 2002). A crítica cultural dos discursos seria a possibilidade dada aos alunos de: analisar suas identidades étnicas, criticar mitos sociais que os subjugam, gerar conhecimento baseado na pluralidade de verdades e construir solidariedade em tornos dos princípios da liberdade, prática social e democracia ativista. Já a hibridização discursiva, refere-se à possibilidade de construção de uma linguagem híbrida, ou seja, aquela que cruze as fronteiras culturais, incorporando discursos múltiplos, reconhecendo a pluralidade e a provisoriade de tais discursos e promovendo sínteses interculturais criativas. A linguagem híbrida busca superar os congelamentos identitários e as metáforas preconceituosas, levando a uma “descolonização” dos discursos (Bhabha, 1998), central para práticas pedagógicas valorizadoras do múltiplo, do plural e do diverso.

No segundo eixo, *tal perspectiva multicultural informou o olhar sobre os próprios discursos que constroem os sentidos de pesquisa na formação docente, compreendendo-a como fenômeno multiculturalmente orientado*. Nesse sentido, a discussão sobre o papel do pesquisador como sujeito multicultural, bem como o desafio a um pretensão universalismo do ato de pesquisar e a análise sobre construções discursivas sobre pesquisa são dimensões que têm sido particularmente focalizados por Lincoln & Guba (2000). Os referidos autores

salientam a inserção do pesquisador em relações históricas, culturais, de gênero, raça e outras, que vão determinar e iluminar os caminhos da pesquisa, desde sua problemática central até a defesa de sua relevância. Trata-se, pois, de entender a pesquisa e sua relevância como construções discursivas e argumentativas, intimamente ligadas ao pesquisador como sujeito multicultural. Nesse sentido, autores como Pooli (1998) defendem a multicplicidade como condição de sustentabilidade da ciência, rompendo com o que denomina de absolutismo filosófico e relativismo sociológico, bem como explorando paradigmas plurais que subjazem à realização e à narração de pesquisas.

O fio condutor do estudo teve por base os dois eixos basilares explicitados anteriormente. O primeiro eixo que informou a pesquisa-denominado “*pesquisando sobre multiculturalismo*” - foi trabalhado por intermédio de vídeos, extratos de jornais e textos acadêmicos, em que as preocupações centrais do multiculturalismo com relação à valorização da pluralidade cultural e o desafio a preconceitos a ela ligados eram enfatizados. O segundo eixo – “*pesquisando multiculturalmente sobre educação*” – foi trabalhado em articulação ao primeiro, privilegiando-se textos produzidos a partir de pesquisas efetivamente realizadas, sejam elas de cunho etnográfico, histórias orais e histórias de vida, pesquisa-ação e pesquisas quantitativas, ou outras, mas que, em linhas gerais, além de incidirem sobre temáticas caras ao multiculturalismo, também apresentavam explicitamente a descrição de procedimentos de pesquisa em seu bojo, indo além dos ensaios teóricos sobre o tema.

Em uma outra dimensão, a articulação entre multiculturalismo e pesquisa foi buscada na medida em que, em uma perspectiva multicultural pós-colonial discutida anteriormente (Bhabha, 1998; Canen, 2001, 2003a, b, Hickling-Hudson, 2003), problematizava-se o discurso pelo qual as identidades que eram foco dos vídeos, extratos de jornal e textos acadêmicos eram tratadas. Averiguava-se em que medida, ainda que muitas vezes bem intencionados, discursos de valorização das identidades marginalizadas e de combate aos preconceitos estariam procedendo a uma reificação das diferenças, a um congelamento identitário que não estaria dando conta das hibridizações e das diferenças dentro das diferenças. A dimensão de problematização do multiculturalismo e, portanto, *seu caráter de objeto de pesquisa por excelência*, no currículo em ação da experiência em pauta, deu-se tanto na análise dos textos de pesquisa, como também, nas discussões orais e nas respostas de nível avaliativo sobre os textos, apresentadas pelos estudantes.

Subjacente a estes eixos, o papel do pesquisador, ele próprio um sujeito multicultural, dotado de determinantes identitários de raça, etnia, gênero, classe social, religião, linguagem, história de vida e outros, não pode ser menosprezado, considerando-se seu peso no desenrolar da pesquisa e da metodologia escolhida. No caso do presente estudo, buscou-se, pois, realizar uma experiência no currículo em ação na formação docente que sensibilizasse futuros docentes para os sentidos do multiculturalismo e para a dimensão da pesquisa como fenômeno multicultural, a ser descrita a seguir.

Trabalhando com Multiculturalismo e Pesquisa: caminhos trilhados...

A experiência narrada no presente artigo foi desenvolvida, conforme dito anteriormente, em um curso de Pedagogia de uma universidade pública, no âmbito de disciplina sobre Multiculturalismo e Educação.. Foi efetuada em uma turma de 28 alunos, a maior parte do gênero feminino. A disciplina é eletiva, semestral, sendo a única que trata explicitamente do multiculturalismo na educação. No entanto, a grande procura pareceu indicar a importância atribuída à temática, por parte dos estudantes. Tal tempo/espaço apresentou-se como campo privilegiado, versando sobre o multiculturalismo e suas tensões.

É importante assinalar que *dois níveis* podem ser identificados, em *termos metodológicos*, na experiência realizada. Em um primeiro nível, tratou-se de estudo em que os papéis de professora-formadora, pesquisadora e narradora se imbricaram, articulando-se o ensino sobre multiculturalismo- objeto da disciplina - com a coleta e análise de dados sobre os efeitos da proposta. Nesse nível, a experiência em pauta pode ser identificada como pesquisa-ação, nos termos definidos por André (2001, p. 61), que se refere a esta metodologia em termos da possibilidade que abre para professores-pesquisadores inserirem "*seus próprios temas e projetos de pesquisa nos programas das disciplinas*" (ANDRÉ, 2001, 61). Em um segundo nível, a articulação ensino-pesquisa se deu no âmbito das atividades desenvolvidas pelos sujeitos do estudo, no caso, os participantes do curso. Nesse nível, ainda que sendo parte da pesquisa-ação, os estudantes não chegaram a se constituir em pesquisadores em ação no contexto escolar mais amplo, uma vez que, à exceção de duas estudantes que já realizavam atividades de docência, o restante apenas estava inserido na formação inicial de professores, não tendo como agir para além do lócus da Universidade, naquele período. Nesse caso, a ação foi trazida para a sala de aula, por intermédio da mobilização dos estudantes em exercícios onde tivessem não só de dominar conteúdos relativos a abordagens multiculturais, como também que interpelassem as perspectivas pelas quais se posicionavam com relação às questões identitárias de raça, gênero, religião e outros padrões culturais plurais, tanto em termos de experiências pessoais, como a partir da discussão de pesquisas realizadas na área, vídeos, notícias da mídia e propostas concretas de ensino multiculturalmente orientado. Nesse nível, a pesquisa-ação se deu no sentido de mobilizar articulações entre pesquisas sobre multiculturalismo e ações dos estudantes que colocassem o multiculturalismo como *objeto de pesquisa*, tanto nas discussões que tocavam em aspectos e tensões identitárias, como em atividades que requisitavam sínteses criativas entre os aspectos discutidos e propostas de ensino multiculturalmente orientadas.

Neste nível, autores como Thiollent (1998) mostram claramente que a pesquisa-ação distingue-se de outras metodologias qualitativas de pesquisa na medida em que o pesquisador é problematizador das práticas investigadas e mobilizador de mudanças, a partir da ação conjunta com os sujeitos da pesquisa. Para Morin (2004), na pesquisa-ação integral e sistêmica, a lógica operacional exige que os "atores pesquisadores" (no caso, a pesquisadora propriamente dita, que ministrava a disciplina objeto do presente estudo) e os "pesquisadores participantes" (no caso, os estudantes do curso) estejam envolvidos no

estudo, na problemática e nas discussões sobre soluções delineadas. Para Altrichter, Kemmis, McTaggart & Skerritt (2002), o grande desafio da pesquisa-ação, em uma perspectiva ligada à visão multicultural, é a de promover o diálogo colaborativo entre participantes com vozes culturais plurais. Para tal, a presente pesquisadora deveria, nessa visão, estar preparada para problematizar seus conceitos e suas perspectivas, de modo a ressignificá-los, a partir do diálogo com os sujeitos envolvidos.

A partir do exposto, as técnicas de coleta de dados incidiram sobre: análise de *dados iniciais*, provenientes de respostas a questões que visavam compreender o que os estudantes entendiam por multiculturalismo; *dados intermediários*, coletados no decorrer do curso, a partir de análise documental dos exercícios feitos pelos estudantes e do registro escrito dos debates travados em sala sobre os vídeos, extratos de jornal e textos trabalhados; e *dados finais*, coletados a partir dos relatórios finais dos seminários sobre identidades marginalizadas e propostas de intervenção no ensino (de Pedagogia e fundamental) em uma perspectiva multicultural, com conclusões dos estudantes sobre o que seria pesquisar e ensinar, nessa perspectiva.

É importante salientar que, sendo pesquisa qualitativa, não foi a intenção analisar quantitativamente os dados produzidos pelos sujeitos, mas sim buscar, nos discursos, ênfases, omissões, contradições e tensões, em termos da sensibilidade ao multiculturalismo que ia sendo desenvolvida nas atividades propostas. O material é rico e, nos limites do presente artigo, destacamos depoimentos e atividades ilustrativos dessa experiência. A intenção, acima de tudo, foi a de contribuir, por meio da narrativa sobre uma ação concreta, para uma maior articulação do multiculturalismo ao currículo em ação da formação de professores. A idéia era a de que aqueles estudantes percebessem que o multiculturalismo é um campo em construção, com importantes questões, tensões e contradições e, ao mesmo tempo, começassem a se sensibilizar para possíveis formas de articulação de tais questões à pesquisa e ao ensino.

No que concerne aos *dados iniciais*, em questionário aplicado na primeira aula, de modo a verificar que tipo de visão possuíam os estudantes sobre o *multiculturalismo*, as respostas versavam sobre “*conjunto de culturas*”, “*as múltiplas culturas que compõem a sociedade brasileira e como trabalhar com elas*” e assim por diante. Dois estudantes referiram-se à questão das cotas para estudantes negros no ensino superior como possível objeto do multiculturalismo. Ao serem indagados se já haviam ouvido falar sobre o conceito anteriormente, apenas alguns apontaram que tinham visto algo em duas disciplinas: uma referente à metodologia de pesquisa em educação e outra relativa ao estudo do cotidiano escolar. Nesse sentido, em uma primeira análise, é interessante notar que a perspectiva multicultural não parecia, ainda, ter sido incorporada como dimensão a imbuir o curso de formação de professores em pauta.

Dados intermediários foram sendo coletados, no decorrer do curso, conforme assinalado anteriormente, de modo a delinear em que medida o multiculturalismo ía sendo percebido, questionado, tensionado ou absorvido. Dentre esses dados intermediários, fonte importante, por exemplo, foi o conjunto de reações a um vídeo que mostrava cenas em que um ator negro dançava e, quando as pessoas o viam, ficavam assustadas e agarravam suas

bolsas. O vídeo também apresentava depoimentos de negros de religiões diferentes e de opções sexuais plurais. Assim, a partir da perspectiva multicultural explicitada na seção anterior, havia aspectos no vídeo que poderiam suscitar problematizações sobre a construção das diferenças e dos preconceitos. Em que medida uma consciência multicultural já se formava foi sendo por nós averiguada, no caso, por intermédio das opiniões expressas oralmente e por escrito em resposta a questões propostas, a partir daquele vídeo.

Alguns depoimentos ilustram a problematização citada:

Luana: “ Os pontos do vídeo que destaquei foram: o papel da mídia no multiculturalismo, porque a mídia se apresenta convencional, branca, européia, mas até tenta fazer uma ‘quebra’. Porém, ainda mostra como inferiores grupos diferentes, como em novelas, programas, mini-séries...” (dos registros do diário de campo)

Simone: “Acho que o vídeo mostra exclusão social, o racismo no Brasil que não é explicitado e que é um tabu. Mas também vi que no vídeo uma das entrevistadas mostra que existem diferenças dentro de diferenças, que no conceito de negro também tem muitas diferenças... ela falava das dificuldades das mulheres lésbicas negras e o professor precisa ter cuidado com relação ao preconceito” (dos registros do diário de campo)

Tatiana: “Em uma escola em que trabalho, um menino tem a mãe homossexual... antes, eu achava a mãe errada, todos mexiam com o menino, mas hoje começo a pensar diferente e tento encontrar jeitos de lidar com isso..” (dos registros do diário de campo)

Isabela: “Fico pensando: como fazer uma educação religiosa multicultural? Como multiculturalizar a religião? É difícil, porque tratamos com idéias arraigadas... Por exemplo, esse filme do Mel Gibson... É anti-semita? Mas ele tem direito de fazer um filme?” (dos registros do diário de campo).

A desconfiança com relação aos discursos e a problematização de visões dogmáticas, que se instituem de poder e de autoridade para construir verdades, dentro da perspectiva multicultural pós-colonial, pareceu estar presente nas discussões acima. Estas parecem ter repercutido no sentido de que o multiculturalismo envolve, para além da análise das identidades plurais, a necessidade de problematização das formas discursivas pelas quais essas identidades são construídas nos diversos espaços e tempos curriculares, dentre os quais a mídia escrita, televisionada e filmada.

Outro conjunto de dados intermediários foi coletado a partir de textos estudados, no decorrer do curso. É importante notar que os estudantes foram expostos a artigos de pesquisa em que o papel do pesquisador como sujeito multiculturalmente situado tinha sido trabalhado, em consonância com a articulação da pesquisa com a análise multicultural,

preconizada no segundo eixo de sustentação do trabalho. Por exemplo, discussões sobre artigo que versava sobre histórias orais de atores universitários que atuavam em um curso de pós-graduação lato-sensu sobre raça e etnia foram realizadas, expondo a pluralidade de formas com que definiam a identidade negra (à base de fenótipo, de cultura afro, de identidades de projeto e assim por diante) (Assis & Canen, 2004). Tal artigo, fruto de pesquisa – foi analisado em termos da construção da identidade negra e da própria forma de se pesquisar o tema, levantando o tipo de paradigma que movia o pesquisador, em que medida revelava suas opções ontológicas, epistemológicas e metodológicas e em que medida as histórias orais, como metodologia de pesquisa, relativizavam “ verdades” e buscavam compreendê-las, a partir das narrativas dos sujeitos pesquisados.

Os *dados finais*, sem dúvida, foram os mais ricos, registrando as ações propriamente ditas dos estudantes, no contexto dos seminários finais, em que foram requisitados a trabalharem com um tema multicultural, pesquisarem de que forma tal tema tem sido trabalhado e como poderiam mobilizar o ensino. Algumas respostas ilustram as idéias levantadas:

“Eu utilizaria uma disciplina sobre leitura e escrita dentro do nosso curso. Vemos que há um grande favorecimento a discussões sobre linguagens utilizadas em diferentes locais do Rio de Janeiro e municípios, assim como em diferentes cidades do Brasil. Trataria um pouco sobre gírias e seu surgimento e sobre as diferenças de sotaques, demonstrando o que isso representa na escrita e na leitura e se há mudanças por conta disto na forma de entender o mundo. Também, através de músicas se pode avaliar a introdução de palavras com sentidos ambíguos, palavras utilizadas somente em algumas regiões, palavras americanizadas e o porquê de não serem utilizadas em Português. Através da pesquisa, podemos fazer um levantamento das regiões do Brasil do Rio de Janeiro onde há maior número de pessoas com dificuldades de leitura e escrita, levando os alunos a se questionarem e procurarem respostas ao porque de tantas diferenças sociais” (Luciana, seminário final).

“Sugeriria a matéria História da Educação Brasileira. Através de temas atuais da educação que existem hoje, o professor poderia trazer reportagens sobre educação pública, falta de vagas, falta de professores, cotas. Fora da Faculdade, no colégio onde trabalho, o tema liberdade é tratado em Pessach- a festa da Páscoa judaica, que comemora a libertação dos judeus escravos do Egito-fazendo com que as crianças pensem no que é liberdade para elas, quem é livre? O que é ser livre? Depois de conceitos “ estabelecidos” por eles, damos início ao tema dos escravos judeus no Egito e também nos remetemos aos escravos negros no Brasil e o que isso provoca na sociedade, até os dias de hoje”

(Daniela, seminário final).

“Primeiramente, é importante compreender que o trabalho pedagógico multicultural não deve se desvincular do resto das disciplinas escolares, o intuito é o multiculturalismo entrar no fazer pedagógico estando em constante diálogo tanto com a realidade escolar, como com a realidade do aluno. Para isso, é preciso estar entrelaçando os conceitos multiculturais ao currículo formal, trabalhando com a ancoragem de conceitos. Para realmente sensibilizar o aluno para a diversidade, é preciso estar primeiro trabalhando a sua identidade cultural, para que ela esteja muito bem estabelecida e para que o professor esteja ciente dela, ocorrendo uma articulação entre a pluralidade cultural” (Miriam, seminário final)

“Na aula, irei trabalhar com o tema identidade, que é importante no Multiculturalismo... vou colocar o disco de Pitty (Máscara) que fala: diga, quem você é me diga, me fale sobre sua estrada, me conta sobre a sua vida...e, a partir daí, vou trabalhar a crise de identidade (mostrar Michael Jackson e suas faces desde que era criança), falar sobre transexuais e suas crises de identidade e puxar para a diversidade...Dizer que crise não é algo ruim, é mudança, transformação” (Aryana, seminário final)

“Aproveitei o tema para trabalhar com minha própria turma a respeito do homossexualismo. Sou monitora em Valores Humanos, em uma escola particular, nas 5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries. De março a abril fiz anotações de aula e vi que o tema aparece o tempo todo, como xingamento. Para o menino, isso é o pior xingamento! As meninas já não ligam...Eles têm vários termos e se chamam assim, para ofender uns aos outros. Aí, no segundo bimestre, propus o tema violência, para trabalharmos. Procurei circunscrever o tema do homossexualismo e comecei a falar sobre violência explícita e sobre a violência mais sutil, moral, simbólica, psicológica, de preconceito... Perguntava como era essa violência e chegamos à conclusão que às vezes era com o olhar, sorriso, gestos, piadas... Reconheceram que tudo aquilo era agressão e relataram até o fato de que um professor havia sido demitido da escola por “ ser muito óbvio”, conforme explicado a eles por muito outros professores, como o de Matemática [a “ obviedade “referia-se a seu homossexualismo] (...) Fui desconstruindo por meio de atividades, mas devo confessar que foi muito difícil e não sei se foi bem sucedida... alguns adolescentes começaram a me dar “ gelo” e perguntavam: você defende pederastas?Aí, resolvi também pegar outras identidades – velho,

deficiente, negro- e chegamos à conclusão que não há preconceito melhor ou pior. O trabalho não acabou! Pedi a eles que fizessem redações sobre o preconceito e vou colocar nos murais... Não vou dizer que todos saíram sem preconceitos, mas acho que fiz minha parte”
(Alice, seminário final)

Os depoimentos acima parecem indicar que um esforço de atuação dos estudantes como pesquisadores-em-ação esteve presente, particularmente por parte daqueles que procederam a caminhos em suas práticas pedagógicas em uma perspectiva multicultural. Em termos do multiculturalismo em educação, fica claro que a questão racial e a de opção sexual ligada a gênero foram as que mais despontaram, ainda que a dimensão religiosa identitária também estivesse presente.

Mais uma vez, é importante salientar que apenas duas estudantes atuavam em atividades de magistério (Alice e Daniela), o que significou que a ação na escola propriamente dita foi realizada por ambas. Entretanto, as aulas simuladas em classe procuraram dar a dimensão de ação ao trabalho realizado, configurando-se como experiência em que se buscou articular *a pesquisa sobre multiculturalismo* com o *ensino permeado pelo multiculturalismo*, problematizando e tornando o multiculturalismo em *objeto de pesquisa*, como dito anteriormente. Evidentemente, os extratos acima são ilustrações do que ocorreu no curso, consideradas representativas do mesmo.

É importante salientar que, a partir dos dados, uma ambivalência foi percebida por nós. De um lado, os discursos dos estudantes, como visto nos depoimentos acima, pareciam superar uma visão folclórica do multiculturalismo, na medida em que condenavam uma abordagem sobre o tema apenas em termos de festas, ritos, receitas e outros rituais, propondo discussões sobre aspectos polêmicos e críticos tais como o racismo, a discriminação e o preconceito, como preconizado pelo multiculturalismo crítico. Assim, percebe-se, nos depoimentos acima, que a tradução do multiculturalismo para o ensino foi buscada, pelos estudantes, como objeto de questionamento e de pesquisa. Para além de sua visão como campo de conhecimentos, o multiculturalismo pareceu impregnar propostas de práticas multiculturalmente comprometidas no âmbito do currículo em ação. Por outro lado, no entanto, embora alguns discursos tenham procurado fazer articulações com as categorias estudadas nos textos, poucos foram os que absorveram a idéia de que os discursos, eles próprios, são multiculturais, recaindo muitas vezes em receituários, em narrativas universalizantes de *“como se ensinar de forma multicultural”*, em contraste com as discussões em aula.

Assim se, por um lado, na análise dos textos de pesquisa durante o curso, o papel do pesquisador como sujeito multicultural era percebido, tal sensibilidade era subsumida, quando das propostas de trabalho acima identificadas, por um discurso “universalizante” do multiculturalismo, em que o narrador – no caso, o/a próprio/a estudante – não era percebido como portador de identidade híbrida, multicultural, a informar as atividades propostas, o que comungou contra qualquer intenção de generalização no sentido de afirmar que uma consciência multicultural tenha sido efetivamente desenvolvida por todos,

no espaço-tempo da disciplina em curso. Tal constatação é importante no contexto de nossa pesquisa-ação que, conforme Altrichter, Kemmis, McTaggart & Skerritt (2002), não deve se eximir de questionar conceitos e caminhos que a informaram.

No que se refere ao contexto das ambigüidades acima percebidas, é importante notar, como sugere Leonardo (2004), que talvez seja mais fácil assumir o pensamento multicultural de modo mais distante, abstrato, quando se discutem aspectos ligados a trabalhos desenvolvidos por outros ou em discussões referentes à sociedade em geral, do que em atividades que requerem um posicionamento concreto, pessoal, que traduza o multiculturalismo para a pesquisa e a ação. O referido autor aponta que nessas últimas há o envolvimento em situações em que o lócus de privilégio de identidades hegemônicas é colocado em xeque e nem sempre a plurivocalidade e a relativização dos discursos ocorre, como foi o caso aqui narrado. Cochrane-Smith (1995), em estudo sobre sua própria atuação em curso multiculturalmente orientado, oferece preciosos subsídios no que se refere a tais desafios, ressaltando a necessidade de se manter vigilância epistemológica rigorosa em pesquisas participatórias ou pesquisas-ação, de modo a desafiar qualquer pretensão a verdades incontestes ou a autoridade absoluta na narrativa produzida.

Entretanto, em um tom mais otimista, pode-se argumentar que a tentativa de articular a pesquisa como fenômeno multicultural e o multiculturalismo como objeto de pesquisa no currículo em ação da formação docente teve frutos, particularmente percebidos nas discussões relatadas no presente estudo e no encaminhamento posterior dos trabalhos, muitos dos quais representaram o germe de monografias e estudos apresentados em jornadas de iniciação científica.

Trabalhar no sentido de romper fronteiras curriculares (Canen & Canen, 2005) e buscar visões mais complexas e plurivocais do currículo pode encontrar, na articulação da pesquisa e do multiculturalismo, uma via interessante, certamente a ser enriquecida e tensionada por nossos discursos e práticas, no cotidiano da formação docente.

Conclusões

O presente trabalho versou sobre a possibilidade de articulação da pesquisa e do multiculturalismo no currículo em ação em cursos de formação de professores, analisando possibilidades para a efetivação de tal articulação, a partir da análise de uma experiência realizada em uma disciplina sobre Multiculturalismo em Educação, em um curso de formação docente em uma universidade pública brasileira.

Os dados indicaram que, por um lado, um discurso munido de um viés generalizador, universalizante e de univocalidade pairava sobre as formas pelas quais os estudantes tratavam do multiculturalismo quando imaginavam sua tradução para o ensino, parecendo concebê-lo, algumas vezes, como um conjunto de receitas, de determinações a serem apresentadas aos professores e às escolas. Na maior parte das vezes, no entanto, os dados indicaram que a articulação de uma perspectiva de pesquisa e do multiculturalismo no âmbito do curso em questão ocorreu, trazendo novas dúvidas, possibilidades e desafios no

caminho de uma educação para a pluralidade cultural, tão necessária em um mundo crescentemente marcado por exclusões e intolerâncias.

Na medida em que o multiculturalismo não pode ser visto como uma narrativa mestra, mas como projeto em construção, sua visão como objeto de pesquisa não pode ser perdida de vista, sob pena de recairmos em uma perspectiva que o reduz a um elenco de tópicos versando sobre identidades marginalizadas, sem que as tensões envolvidas na construção e reconstrução das identidades plurais sejam analisadas. O presente estudo buscou contribuir no sentido de tentar superar tal tendência, sendo que os desafios a ele inerentes podem ser vistos como impulsos para futuros trabalhos nessa promissora área em que pesquisa e multiculturalismo se interligam, rompendo suas fronteiras.

Notas

¹ Artigo a partir de pesquisa apoiada pelo CNPq, cuja versão preliminar foi apresentada na 28ª Reunião Anual da ANPEd.

Referências Bibliográficas

- Altrichter, H; Kemmis, S.; McTaggart, R. & Zuber-Skerritt, O. (2002), The Concept of Action Research, **The Learning Organization**, V. 9, N. 3, pp. 125 – 131.
- André, M. E. D. A. (2001), Pesquisa, Formação e Prática Docente. In: André, M.E.D.A. (org.), **O Papel da Pesquisa na Formação e na Prática dos Professores**. São Paulo: Ed. Papirus, pp. 55 – 70.
- Assis, M. D. P. de & Canen, A. (2004), Identidade Negra e Espaço Educacional: vozes, histórias e contribuições do multiculturalismo, **Cadernos de Pesquisa**, Vol. 34, N. 123, p. 709-724.
- Bhabha, H. K. (1998), *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Canen, A. (2001), Universos Culturais e Representações Docentes: subsídios para a formação de professores para a diversidade cultural, **Educação e Sociedade**, n. 77, pp. 207 – 227.
- Canen, A. (2003a), Child Education and Literacy Learning for Multicultural Societies: the case of the Brazilian National Curricular References for Child Education (NCRs), **Compare**, Vol. 33, N. 2, p. 251-264.
- Canen, A. (2003b), Refletindo sobre Identidade Negra e Currículo nas Escolas Brasileiras: contribuições do multiculturalismo, **Revista Estudos**, UCJB, n. 15, p. 49 – 58.
- Canen, A. & Canen, A. G. (2005), Rompendo Fronteiras Curriculares: o multiculturalismo na educação e outros campos do saber, **Currículo sem Fronteiras**, V. 5, N. 2, p. 40 – 49.
- Canen, A. & Moreira, A. F. B.(orgs.) (2001), **Ênfases e Omissões no Currículo**. São Paulo: Ed. Papirus.
- Canen, A. & Oliveira, A.M.A. (2002), Multiculturalismo e Currículo em Ação: um estudo de caso, **Revista Brasileira de Educação**, N. 21, p. 61-74.
- Cochrane-Smith (1995), Uncertain Allies: understanding the boundaries of race and teaching, **Harvard Educational Review**, Vol. 65, N. 4, p. 541-570.
- Hickling-Hudson, A. (2003), Multicultural Education and the Postcolonial Turn, **Policy Features in Education**, Vol. 1, N.2, p. 381-401.
- Kowalczyk, J. & Popkewitz, T. S. (2005), Multiculturalism, Recognition and Abjection: (re)mapping Italian identity, **Policy Futures in Education**, V. 3, N.4, pp. 423-435.

- Leonardo, Z. (2004) , The Color of Supremacy: beyond the discourse of “ white privilege”, **Educational Philosophy and Theory**, Vol. 36, N. 2, p. 137 – 152.
- Lincoln, Y. S. & Guba, E. G. (2000), Paradigmatic Controversies, Contradictions, and Emerging Confluences. In: Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (eds.) **Handbook of Qualitative Research** (Second Edition), pp. 163 - 188. London: Sage Publications.
- Lüdke, M. (2001), **O Professor e a Pesquisa**. São Paulo: Ed. Papirus.
- McLaren, P. (2000), **Multiculturalismo Revolucionário**. Porto Alegre: Ed. ArtMed.
- Moreira, A. F. B. & Macedo, E. F. (2001), Em Defesa de Uma Orientação Cultural na Formação de Professores. In: : Canen, A. & Moreira, A. F. B.(orgs), **Ênfases e Omissões no Currículo**. São Paulo: Ed. Papirus, pp. 117 – 146.
- Morin, A. (2004), **Pesquisa-ação Integral e Sistêmica: uma antropopedagogia renovada**. Trad: Michel Thiollent. Rio de Janeiro: DP&A Editora.
- Pierucci, A. F. (2000), **Ciladas da Diferença**. São Paulo: Ed. 34.
- Pinto, R. P.(1999), Diferenças Étnico-Raciais e Formação do Professor, **Cadernos de Pesquisa**, n.108, pp. 199-232.
- Pooli, J. P. (1998), Decifra-me ou te Devoro: a excelência do objeto pela construção do argumento, **Educação e Realidade**, v. 23, n.2, pp. 95 – 107.
- Souza Santos, B. de (2001), Dilemas do Nosso Tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento, entrevista concedida a L. A. Gandin & A. M. Hypolito, **Educação e Realidade**, v. 26, n.1, pp. 13-32.
- Thiollent, M. (1998), **Extensão Universitária e Metodologia Participativa**. Rio de Janeiro: Ed. COPPE/UFRJ.
- Veiga-Neto, A. (2003), Cultura, Culturas e Educação, **Revista Brasileira de Educação**, N. 23, pp. 5 – 15.

Endereço para Correspondência:

Profa. Dra. Ana Canen

E-mail: acanen@globocom.com

Texto publicado em *Currículo sem Fronteiras* com autorização da autora.
